

EM BUSCA DA *EPOCHÉ*: UMA PESQUISA QUANTITATIVA COMO SUBSÍDIO À REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

Paulo Roberto Maisonnave

Mestre em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ

Supervisor Técnico da Endesa Geração Brasil

E-mail: pmaisonnave@endesabr.com.br [Brasil]

Sandra Regina da Rocha Pinto

Doutora em Ciências Humanas - Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro– PUC/RJ

Professora assistente do departamento de Administração da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro– PUC/RJ

E-mail: sanpin@iag.puc-rio.br [Brasil]

Resumo

Apesar do avanço observado no emprego da fenomenologia como método de pesquisa aplicado às Ciências Sociais, sua utilização ainda é incipiente, sobretudo em estudos na área de Administração. Este artigo propõe discutir a possibilidade de experimentar uma metodologia diferenciada, utilizando coleta de dados quantitativos como etapa inicial a uma abordagem fenomenológica. O principal objetivo dessa estratégia é auxiliar os pesquisadores a praticarem a redução fenomenológica e a se colocarem “entre parênteses” durante a elaboração de uma pesquisa a respeito da contextualização da inovação disruptiva na área de pesquisa e desenvolvimento das empresas do setor elétrico brasileiro. Inicialmente, o artigo apresenta uma discussão acerca de metodologias quantitativas e qualitativas, buscando a viabilidade de integrar diferentes estratégias de pesquisa. Em seguida, descreve o método fenomenológico e suas variações, com ênfase na etapa da redução fenomenológica e da *epoché* (suspensão de julgamentos). Por fim, traz considerações a respeito da validade e do rigor metodológico necessários à pesquisa. Este estudo contribui para experimentar variantes do método fenomenológico na pesquisa na área de organizações, além de propor uma abordagem híbrida de pesquisa em que métodos quantitativos e qualitativos se complementam.

Palavras-chave: Inovação disruptiva; Método fenomenológico; Integração metodológica.

1 INTRODUÇÃO

É inegável a contribuição da inovação para o desenvolvimento socioeconômico mundial. A relação entre desenvolvimento e inovação é destacada por vários autores como sendo uma das únicas fontes de vantagem competitiva que restam às organizações. (CHRISTENSEN, 1997; DRUCKER, 1985; PRAHALAD; HAMEL, 1995). Dessa forma, cada vez mais, as empresas deixam de considerar a inovação um evento pontual e encaram-na como um processo contínuo na organização. Além disso, a inovação pode ser caracterizada como um fenômeno, na medida em que possui a capacidade de transformar o ambiente empresarial de forma dinâmica. Para exemplificar esse potencial de transformação, recorre-se ao conceito de inovação disruptiva, criado por Christensen (1997), que pode representar tanto uma ameaça quanto uma oportunidade para empresas incumbentes ou novos entrantes. No entanto, observa-se que o ambiente empresarial ainda apresenta alguns obstáculos para a inovação. Essa constatação desencadeou a elaboração de um projeto de pesquisa, cuja principal pergunta é: *Quais são os fatores inibidores da inovação, especialmente aquelas disruptivas, na percepção dos responsáveis pela área de Pesquisa e Desenvolvimento das empresas do setor elétrico brasileiro?*

Para a condução da estruturação da pesquisa, partiu-se da premissa de que a escolha de uma abordagem metodológica, além de se apoiar na formulação de seu problema de pesquisa, exige a consideração dos pressupostos ontológicos e epistemológicos definidos pelo pesquisador. Geralmente, pesquisas sobre inovação adotam uma posição positivista, quantificando e sintetizando seus resultados. Por sua vez, a fenomenologia parece, por ora, restrita ao uso de um pequeno grupo de pesquisadores (CARVALHO; VERGARA, 2002). Para efeito da pesquisa que será desenvolvida, a abordagem metodológica utilizada será a fenomenologia que, segundo Creswell (1998) e Van Maanen (1990), descreve os significados das vivências experimentadas por determinados indivíduos em relação a um dado fenômeno que ocorre em um ambiente específico; ou, conforme ensina Vergara (2005), caracteriza-se pela compreensão de um fenômeno a partir do ponto de vista daqueles que o viveram e o experimentaram.

A fenomenologia, como método, tem conseguido cada vez mais espaço na pesquisa na área de administração de empresas. No entanto, o que se observa na literatura acadêmica é a utilização do método ainda de forma incipiente. Nesse contexto, observam-se, também, discussões a respeito da adequação do uso de metodologias qualitativas sem a suficiente compreensão do rigor metodológico necessário. Segundo Moreira (2002), a viabilidade de trabalhar com pesquisa qualitativa, dando-lhe o caráter de ciência verdadeira, tem despertado muitas controvérsias. Faz-se, assim, necessário discutir o rigor metodológico durante toda a pesquisa e demonstrar a análise da validade interna e externa do método, assim como tecer observações a respeito da generalização dos resultados.

Muitos autores concordam que a abordagem empiricista na pesquisa acadêmica está claramente dividida em dois paradigmas: o positivismo (ou estruturalismo) e a fenomenologia (ou interpretacionismo). Uma vez que o pesquisador faz a escolha entre o positivismo e a fenomenologia, é comum encontrar uma aderência extrema a uma das abordagens metodológicas, às vezes resultando em um debate fervoroso (REMENYI et al., 1998). Nesse embate entre as duas tradições, ainda prevalece a visão dicotômica e maniqueísta, a partir da qual só é possível escolher entre dois extremos opostos e mutuamente excludentes. Este artigo propõe o emprego de uma estratégia mais integrativa de pesquisa facilitadora da focalização do

fenômeno, da delimitação do problema de pesquisa, assim como no auxílio aos pesquisadores na seleção dos sujeitos.

Esta experimentação metodológica tem como justificativa a necessidade dos pesquisadores de praticar a *epoché* – suspenderem seus julgamentos, deixarem de lado seus pressupostos – durante a pesquisa, utilizando o método fenomenológico. Em busca da percepção do fenômeno da inovação disruptiva na área de Pesquisa e Desenvolvimento do Setor Elétrico Brasileiro sob o ponto de vista de seus responsáveis, um dos pesquisadores deparou-se, em sua análise, com uma possível influência de seu próprio conhecimento e experiência sobre o fenômeno estudado. Para evitar que conceitos pré-concebidos influenciassem o estudo, foi estruturado um questionário destinado aos potenciais sujeitos de pesquisa. A intenção subjacente a esse levantamento é a viabilização tanto do conhecimento quanto da suspensão de pressupostos e vieses sobre o assunto, reservando-os até o momento da interpretação e análise dos dados, que emergirão por meio da pesquisa de campo, qualitativa, que será empreendida após a consecução da pesquisa quantitativa.

A fim de cumprir os objetivos propostos, este artigo está estruturado em cinco seções, além desta introdução. Em um primeiro momento, é discutido o embate entre as tradições interpretacionista e positivista. A seguir, o artigo apresenta características específicas do método fenomenológico, focando a etapa da redução fenomenológica e da *epoché*. Na terceira, é detalhado o processo da coleta de dados quantitativa proposta e a justificativa da utilização do método. Em seguida são expostas questões referentes ao rigor metodológico, validade interna e externa e possibilidade de generalizações. Por fim, são feitas considerações e reflexões sobre o método proposto.

2 POSICIONAMENTO METODOLÓGICO: EMBATE ENTRE TRADIÇÕES

É sabido que as abordagens de pesquisa científica podem ser classificadas sob diferentes taxonomias sendo a mais comum a que separa os estudos em dois grupos: teóricos e empiricistas. A esse respeito, cabe destacar que a pesquisa empírica é o paradigma dominante em estudos da Administração. Apesar de estar frequentemente associada às abordagens quantitativas, a pesquisa empírica pode ser de natureza quantitativa ou qualitativa (REMENYI et al., 1998; VAN MAANEN, 1979). Moreira (2002), por sua vez, prefere dividir a pesquisa empírica em experimental (uso de experimentos para teste de hipóteses) e não-experimental (pesquisas que têm pessoas como objeto de estudo).

Para um posicionamento metodológico mais completo, considera-se que o pesquisador deve se colocar em termos ontológicos (pressupostos adotados sobre a natureza da realidade) e epistemológicos (pressupostos adotados sobre a natureza do conhecimento). Em vista disso, Morgan e Smircich (1980) estabelecem posicionamentos metodológicos tanto em função de premissas ontológicas da realidade quanto de considerações epistemológicas, entre outras variáveis, em uma tipologia dividida entre os paradigmas interpretacionista (subjetivo) e funcionalista (objetivo):

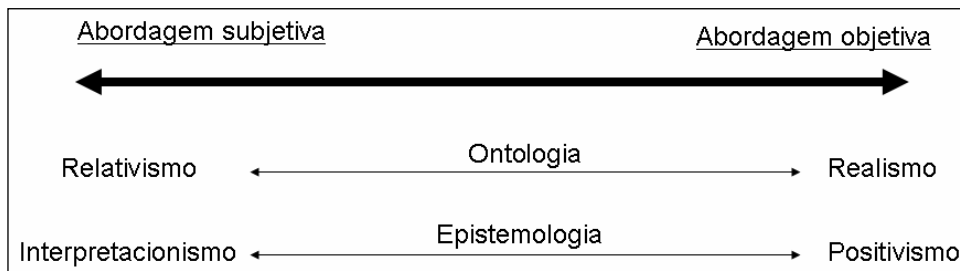


Figura 1 - Pressupostos Ontológicos e Epistemológicos

Fonte: Adaptado de Morgan e Smircich (1980)

Em termos ontológicos, a abordagem objetiva (positivista) considera a realidade como algo concreto a ser capturado. Existe um pressuposto de que o mundo é estruturado por leis que podem ser identificadas, manipuladas ou controladas para dar suporte à teoria científica. Já a abordagem subjetiva (relativismo) oferece embasamento a uma perspectiva ontológica na crença da existência não de apenas uma, mas de múltiplas realidades construídas e modificadas socialmente. Nessa perspectiva, a realidade não é algo externo, porém local e construído com um propósito. Além disso, realidades não são mais ou menos verdadeiras; são mais ou menos conhecidas (LAVERTY, 2003).

Com respeito à base epistemológica, em se tratando das ciências sociais, dois paradigmas de abordagem metodológica empírica coexistem: o positivismo e o interpretacionismo. Nenhuma das duas abordagens é mais científica do que a outra e tampouco devem ser tratadas como contraditórias (MINAYO; SANCHES, 1993). O paradigma dominante, na pesquisa científica, ainda é o positivismo que, segundo Remenyi et al. (1998), implica a pesquisa com base em uma realidade social observável cujo produto pode ser derivado de leis produzidas pelas ciências físicas e naturais. O positivismo enfatiza uma análise empírica encorajadora da busca do conhecimento de uma forma objetiva e estabelece uma dualidade entre o pesquisador e o objeto pesquisado (LAVERTY, 2003).

Por outro lado, o paradigma interpretacionista apresenta uma visão subjetiva, por acreditar que a realidade é socialmente construída por meio das interações pessoais. A epistemologia, à luz do enfoque subjetivo, enfatiza a importância da compreensão dos processos pelos quais o homem constrói a realidade e, para tanto, torna-se necessário reconstruir o fenômeno estudado a partir da interpretação dos significados atribuídos pelos agentes envolvidos (MORGAN; SMIRCICH, 1980). Enquanto a pesquisa positivista tem como enfoque a redução de um fenômeno a dimensões quantitativas aderentes a leis e princípios, a perspectiva interpretacionista demanda do pesquisador uma descrição interpretativa do fenômeno. Segundo Creswell (1998), o interpretacionismo é um processo investigativo de compreensão baseado em distintas tradições metodológicas que exploram problemas sociais ou humanos. Nessa perspectiva, o pesquisador elabora uma imagem holística e complexa, analisa textos, coleta visões detalhadas dos sujeitos de pesquisa e conduz um estudo com “atitude natural”. Tem-se como base racional a construção de uma dinâmica de pesquisa focada na experiência interativa humana, para que se possam visualizar padrões extraídos do mundo dos sujeitos da pesquisa, à medida que eles emergem (REMENYI et al., 1998). Segundo Gil (2002), uma das maiores contribuições da reflexão fenomenológica para a ciência seria o auxílio dos pesquisadores na formulação de problemas e na construção de hipóteses.

Diante do exposto, pode-se inferir que o mais importante é que a escolha metodológica seja guiada pelos interesses, premissas e propósitos do pesquisador, ao mesmo tempo em que assegure maior validade ao trabalho. O fenômeno deve ditar o método e não vice-versa; e a forma tanto de entender o fenômeno quanto de coletar dados relevantes para construção da essência é ir a campo e engajar-se com os participantes na coleta de dados (GROENEWALD,

2004). Sob essa perspectiva, a pesquisa a ser empreendida, após a etapa de redução fenomenológica, fundamentará suas discussões de forma qualitativa, ou não-positivista (REMENYI et al., 1998), apresentando uma metodologia interpretacionista, considerando que algo só pode ser entendido a partir do ponto de vista daqueles que vivem e experimentam o fenômeno, em oposição à corrente positivista, que vê o mundo como existindo independente da apreciação que alguém dele faça (VERGARA, 2005). A estratégia de pesquisa proposta dará liberdade aos sujeitos da pesquisa para que “falem por si mesmos”, além da possibilidade de produzir novas formas de conhecimento. A abordagem fenomenológica foi escolhida por se acreditar que tanto o conceito quanto a influência da inovação disruptiva só poderiam ser explicitados a partir da perspectiva daqueles que a vivem ou a experimentam em seu trabalho ou ambiente. No entanto, não se descartou a pesquisa quantitativa durante uma fase específica do estudo, conforme será descrito na terceira seção deste ensaio.

A utilização e validação dos diversos métodos de pesquisa requerem um exame mais atento no que concerne a alguns problemas relacionados à integração entre as perspectivas qualitativa e quantitativa. O debate e a contraposição frequentemente registrados entre as duas abordagens não são novos, tampouco exclusivos do campo das ciências sociais. Geralmente aparecem em oposição a diferenças irreconciliáveis (LEE, 1991): as correntes positivistas definem como científicas somente as pesquisas baseadas na observação de dados da experiência e as que utilizam instrumentos de mensuração sofisticados. Por isso, afirmam os detratores, os métodos qualitativos não originam resultados confiáveis. Por outra parte, os defensores do interpretacionismo sustentam que os positivistas, na medida em que não se colocam no lugar do sujeito, não realizam investigações válidas.

Cabe ainda registrar que, frequentemente, a pesquisa qualitativa não é definida por si só, mas em contraponto à pesquisa quantitativa. Para Filstead (1970), uma metodologia qualitativa refere-se àquelas estratégias que propiciam ao pesquisador “chegar perto dos dados”, desenvolvendo os componentes analíticos, conceituais e categóricos de explicação a partir dos próprios dados, mais do que às técnicas quantitativas altamente rígidas na sua estrutura e recheadas de preconceitos. As tensões entre pesquisa qualitativa e quantitativa espelham as diferenças entre duas posturas opostas – ou quase isso – e que se têm confrontado há mais de cem anos e, de forma mais aguda, nas últimas décadas (MOREIRA, 2002). Entretanto, tal dicotomia representa uma simplificação do problema metodológico. As ciências sociais contemporâneas estão, cada vez mais, destinadas ao comprometimento com modelos empiricistas integrados baseados em métodos qualitativos e quantitativos (MORGAN; SMIRCICH, 1980). Remenyi et al. (1998) sugerem a utilização das duas abordagens em uma relação dialética, provendo uma série de ferramentas metodológicas para auxiliar o pesquisador a validar suas descobertas em situações particulares.

3 O MÉTODO FENOMENOLÓGICO

O método fenomenológico possui diferentes significados para diferentes pessoas. A fenomenologia pode ser considerada uma filosofia, uma epistemologia, um método, ou as três coisas simultaneamente (REMENYI et al., 1998). Enquanto isso, a pesquisa qualitativa emana da própria escolha por uma perspectiva fenomenológica (MOREIRA, 2002) e caracteriza-se por três fundamentos principais: (1) o conhecimento é construído ativamente e surge do exame dos constructos internos das pessoas, manifestados na linguagem; (2) o pesquisador confia em uma dinâmica de observação e busca manter intactas as perspectivas dos participantes; (3) o investigador procura descrever e interpretar as formas pelas quais as pessoas relacionam experiências (o fenômeno que o sujeito vivenciou), significados (aquilo que ele acredita ter

experimentado), linguagem (aquilo que ele diz ter vivenciado) e comportamentos (o que ele fez durante a experiência). Nas ciências sociais, a fenomenologia, antes sinônimo de “qualquer coisa diferente do positivismo” (REMENYI et al., 1998), alcançou um maior rigor conceitual e metodológico (EMBREE, 2001). A esse respeito, enquanto Moustakas (1994) refere-se à fenomenologia como a criação da realidade com base nas percepções de cada indivíduo, Van Manen (1990) assevera que a melhor resposta à questão sobre o que está envolvido em um método fenomenológico de pesquisa em ciências humanas é: “academicismo!”. Um pesquisador de ciências humanas é um acadêmico: um observador sensível das legendas da vida cotidiana e, também, um leitor ávido de textos relevantes sobre humanidades, história, filosofia, antropologia, ciências sociais, na medida em que tais temas perpassem sua área de interesse. (VAN MANEN, 1990).

Faz-se oportuno destacar que a fenomenologia, como método, é derivada da filosofia fenomenológica cujos precursores foram os filósofos alemães Franz Brentano (1838-1917) e Edmund Husserl (1859-1938), abrindo caminho para outros pensadores contemporâneos como Heidegger, Gadamer, Sartre e Merleau-Ponty. Tendo como base a formação matemática e vivendo em uma Europa onde o sentimento era de crise da ciência moderna, Husserl formulou as linhas gerais da fenomenologia, crendo que apenas uma nova e fundamental ciência seria capaz de ajudar o cientista objetivo na clarificação e crítica de seus conceitos (MOREIRA, 2002). Especificamente, Husserl defendia o rigor e radicalismo filosófico em busca da essência do fenômeno, contrapondo-se ao naturalismo e à ciência moderna reduzidos ao estudo de meros fatos. O foco principal de Husserl foi estudar o fenômeno da forma como se apresenta na consciência. Essa consciência é a ligação intencional entre o homem e o mundo – o conceito de intencionalidade – que serve como ponto inicial para a compreensão de uma realidade particular (LAVERTY, 2003). As estruturas da consciência foram descritas como essências capazes de identificar um objeto como um tipo único particular de objeto ou experiência, segundo Edie (1987 apud LAVERTY, 2003).

A passagem de um método filosófico para um método empírico não é tarefa simples, na medida em que os métodos se encontram em campos de reflexão muito diferentes (MOREIRA, 2002). O método empírico exige do pesquisador uma situação apropriada, ou seja, uma metodologia que oriente o pesquisador na coleta e análise de dados mais adequados para responder à pergunta de pesquisa. Para Sanders (1982), não existe nenhum procedimento ortodoxo que pode ser mantido e assegurado como o método fenomenológico. O método fenomenológico é uma forma de investigação crítica, sistemática e rigorosa empregada sempre que se queira destacar a experiência de vida das pessoas (MOREIRA, 2002; VAN MANEN, 1990). Ademais, embora exista um único método fenomenológico, ele admite muitas variações como as propostas por Sanders (1982) e Moustakas (1994), pois “ao se transpor o fosso entre a Filosofia e a prática da pesquisa, será normal o aparecimento de muitas variantes do método fenomenológico” (MOREIRA, 2002, p. 117).

O método fenomenológico demanda que a experiência manifestada como linguagem pelos participantes do estudo seja vista como principal insumo do processo da pesquisa; a palavra dos sujeitos pesquisados deve ser fonte primária de dados (REMENYI et al., 1998), utilizando mais a lingüística do que a análise estatística (CRESWELL, 1998); ou seja, na pesquisa fenomenológica, a ênfase sempre reside no significado da experiência vivida; a questão da fenomenologia é “tomar emprestadas” as experiências alheias a fim de melhor ser capaz de alcançar a compreensão do significado mais profundo de um aspecto da experiência humana no contexto da totalidade dessa experiência. (VAN MANEN, 1990).

3.1 A REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA

A perspectiva fenomenológica propõe que o pesquisador se esforce para deixar de lado suas idéias preconcebidas (REMENYI et al., 1998; VAN MANEN, 1990). Segundo Chauí (2001), a remoção de assunções e a suspensão dos pontos de vista estabelecidos previamente em relação ao fenômeno são essenciais para a experiência investigativa. A própria premissa filosófica epistemológica (CRESWELL, 1998) exige que o pesquisador mantenha distância do fenômeno investigado. A redução fenomenológica tem o objetivo de obter uma descrição conceitual rica da experiência na qual, deliberada e propositalmente, o pesquisador se abre para o fenômeno (GROENEWALD, 2004). Para buscar limitar o conhecimento ao fenômeno da experiência de consciência, procura desconsiderar o mundo real, em uma espécie de suspensão do juízo. Em outras palavras, põe esse mundo "entre parênteses" (todo o resto é colocado de lado para que o processo de pesquisa esteja focado exclusivamente no tópico de interesse). Husserl, matemático de formação, utilizou o termo *bracketing* – colocar entre parênteses – para designar essa suspensão de pressuposições, além do termo grego *epoché*. A *epoché* era adotada, na Grécia antiga, pelos chamados filósofos céticos, que viam o problema do conhecimento como insolúvel. Em casos de controvérsia, deveriam adotar uma postura de não-envolvimento para ter paz de espírito na vida diária (MOREIRA, 2002). A principal vantagem da utilização da *epoché* é colocar de lado as idéias preexistentes ou preconcebidas do pesquisador sobre o fenômeno investigado (IDHE, 1986). O processo consiste, então, em uma profunda análise no sentido de identificar e invalidar, inibir e desqualificar todo o comprometimento com relação ao conhecimento e experiência anteriores (SCHMITT, 1967). “Na *epoché*, o filósofo não duvida da existência do mundo, mas essa existência deve ser colocada entre parênteses, exatamente porque o mundo existente não é o tema verdadeiro da fenomenologia” (MOREIRA, 2002, p. 88).

Apesar de controverso, o conceito de redução fenomenológica é amplamente utilizado no método empírico fenomenológico. Os primeiros trabalhos fenomenológicos de Husserl referiam-se diretamente à *epoché* sem, no entanto, adotar seu sentido primitivo (MOREIRA, 2002). Heidegger (1962) sugere colocar as pressuposições do pesquisador “entre parênteses” (*bracketing*) argumentando que é impossível simplesmente colocar de lado os pré-conceitos e pressuposições e defendendo que os vieses do pesquisador sejam explicitamente colocados “entre parênteses” ou destacados durante a análise (LAVERTY, 2003). Contudo, considerando a fenomenologia como um método subjetivista de investigação científica (BURRELL; MORGAN, 1979) em que todos os pressupostos e julgamentos são abandonados, permitindo que o conhecimento possa nascer da experiência do pesquisador com a essência de seu objeto de pesquisa (CRESWELL, 1998; REMENYI et al., 1998), pode-se afirmar que há, entre os autores fenomenológicos, o senso comum da necessidade da “suspensão de julgamento” do pesquisador. Por sua vez, Moustakas (1994) considera que, para praticar a *epoché*, deve-se focar uma situação, pessoa ou tema, assim como rever sentimentos e pensamentos emergentes. Por meio dessa prática, preconceitos e vieses são revelados, compreendidos e postos de lado e, da mesma forma, pessoas ou temas são revistos com nova visão. O processo é recorrente até que haja certeza de que as experiências serão vistas “como elas realmente são”.

4 EXPERIMENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA DO MÉTODO

Dentre as abordagens metodológicas fenomenológicas existentes, optar-se-á pelo método proposto por Sanders (1982). Justifica-se a escolha pelo fato de que tal método foi criado em um contexto específico para a pesquisa organizacional. – que apresenta três

componentes fundamentais: O primeiro determina os limites de investigação, verificando se o fenômeno é mais bem explicado qualitativamente e selecionando cuidadosamente quem pode fornecer informações confiáveis sobre o fenômeno investigado. O segundo diz respeito à coleta de dados, normalmente utilizando entrevistas em profundidade, gravadas e transcritas. O terceiro componente, simplificado por Moreira (2002), contém a análise fenomenológica dos dados, primeiramente descrevendo o fenômeno tal como relatado nas entrevistas e, posteriormente, identificando e agrupando os temas em conjuntos de essências. Embora o método apresentado não se refira diretamente à *epoché*, Sanders (1982) recomenda que o pesquisador abstraia-se de pressuposições e idéias preexistentes sobre o fenômeno durante todo o processo.

Após definidos os limites da pesquisa, a validade do método e a seleção dos sujeitos de pesquisa, os pesquisadores identificaram que a coleta de dados poderia ser prejudicada pela experiência anterior de um dos pesquisadores no assunto, fato que dificultaria o processo de se colocar “entre parênteses”. Para solucionar esse problema, foi realizada uma revisão da literatura em busca de uma metodologia que minimizasse a interferência dos preconceitos e pressupostos do pesquisador. Uma das alternativas verificadas foi utilização de uma abordagem metodológica integrativa em que a pesquisa quantitativa auxiliasse os pesquisadores na obtenção dos resultados propostos, neste caso, a prática da redução fenomenológica. A fim de viabilizar essa proposta e, realizar a pesquisa quantitativa, elaborou-se um questionário que representa uma adaptação das questões apresentadas por Christensen sobre o diagnóstico disruptivo da indústria (INNOSIGHT LLC, 2007).

A adaptação justificou-se para melhor caber em uma indústria sem contato direto com o cliente, como é o caso do setor de Energia. Durante a pesquisa quantitativa, serão disponibilizados cerca de 80 questionários semi-estruturados aos responsáveis pelas áreas de P&D dos agentes do Setor por meio da Internet. Os sujeitos dessa fase da pesquisa serão diretores, gerentes, engenheiros ou terceirizados, desde que possuam poder decisório e responsabilidade nas ações estratégicas da área. O questionário foi organizado com o objetivo principal de auxiliar os pesquisadores a se manterem “entre parênteses” – identificando temas e conceitos para aprofundá-los durante a investigação do fenômeno nas entrevistas, retirando, dessa forma, seus pré-conceitos do processo até que a análise esteja consolidada. A estrutura do questionário contempla os seguintes aspectos:

- 1) Dados Iniciais: questões identificadoras dos grupos – Figura 2;
- 2) Diagnóstico de disrupção: questões que permitem identificar *ex-ante* se um setor é potencialmente disruptivo - Figura 3;
- 3) Aspectos Relevantes – Figuras 3 e 4 – as afirmativas foram estruturadas de forma a abordar as seguintes dimensões:
 - a) Planejamento e estratégia
 - b) Aspectos Internos
 - c) Aspectos Externos
 - d) Resultados
 - e) Aspectos Regulatórios
 - f) Questão aberta

1. Introdução

Obrigado pela visita.

Este questionário faz parte de um estudo sobre inovação na área de Pesquisa e Desenvolvimento do Setor Elétrico Brasileiro junto aos seus responsáveis. O estudo é parte de um projeto de dissertação de mestrado do programa de pós-graduação em administração de empresas do IAG-PUC-Rio.

Esta pesquisa não demora mais do que 10 minutos para ser respondida. Você poderá interromper quando desejar e voltar ao local onde parou.

A confidencialidade das informações será preservada. O estudo divulgará, apenas, os resultados agregados.

Clique em "Próximo" para iniciar a pesquisa.

2. Dados Iniciais

Para cada pergunta, selecionar a alternativa que mais se adequa.

Qual a principal atividade de sua empresa?

- Geração
- Transmissão
- Distribuição

Quantos funcionários trabalham na sua empresa?

- Menos de 100
- Entre 101 e 500
- Entre 501 e 1000
- Mais de 1000

Qual o faturamento anual de sua empresa?

- Até R\$1.000.000,00
- Entre R\$1.000.000,00 e R\$10.000.000,00
- Acima de R\$10.000.000,00

Nível do seu cargo:

- Diretor
- Gerente
- Supervisor/ Chefe
- Técnico/ Analista

Principal região de atuação:

- Sudeste
- Nordeste
- Sul
- Centro-Oeste
- Norte

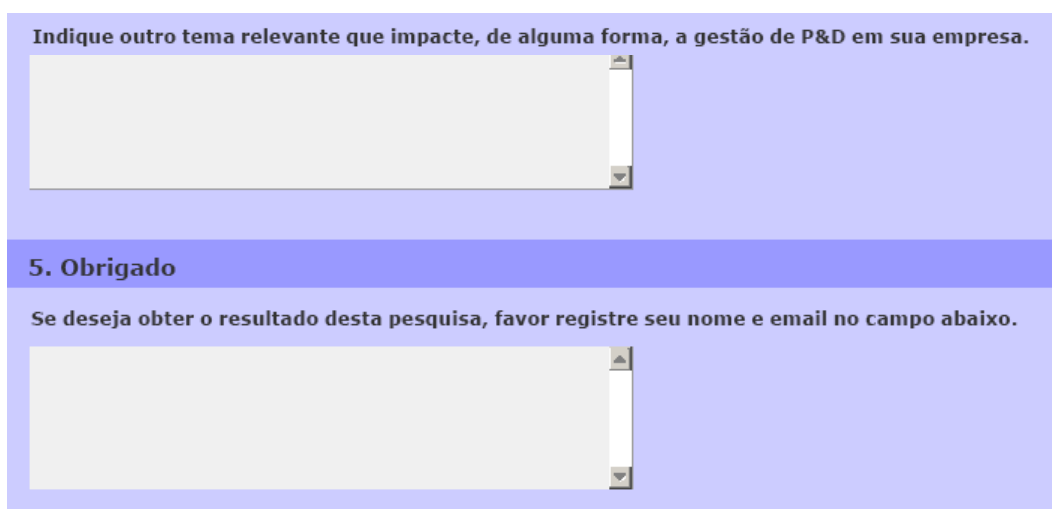
Figura 2 – Questionário – Introdução e Dados Iniciais

Fonte: Elaborado pelos autores

4. Aspectos relevantes na Gestão de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação					
Indique o grau de importância relativo às afirmativas abaixo					
	Concordo plenamente	Concordo parcialmente	Não concordo, nem discordo	Discordo parcialmente	Discordo plenamente
A inovação é vista como atividade estratégica dentro da empresa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A estratégia da empresa está alinhada aos objetivos da área de P&D.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os funcionários da empresa agregam propostas de melhoria e sugestões de temas.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As ações relacionadas a inovação e P&D enfrentam resistência interna?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os clientes internos reconhecem o esforço de P&D da empresa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A burocracia da empresa afeta o processo de gestão de inovação e P&D.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os avanços tecnológicos influenciam as decisões de investimento em P&D e inovação.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As instituições de pesquisa cumprem o seu papel de parceria de maneira satisfatória.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As ações de outros agentes do Setor Elétrico influenciam na forma como gerenciam a área de P&D.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As associações, das quais a empresa participa, auxiliam o processo de P&D.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os clientes externos reconhecem o esforço de P&D da empresa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
As inovações advindas de P&D são levadas ao mercado.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os resultados de P&D estão, em sua maioria, relacionados à melhoria contínua.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os resultados de P&D podem mudar significativamente o negócio da empresa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os investimentos em P&D trazem retorno financeiro à empresa.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os objetivos da regulação do setor elétrico relacionados a P&D foram alcançados.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
O agente regulador atua de maneira eficiente na área de Pesquisa e Desenvolvimento.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A fiscalização pelo órgão regulador na área de P&D é eficiente.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A fiscalização pelo órgão regulador na área de P&D é eficaz.	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Figura 3 – Questionário – Diagnóstico de Inovação e Aspectos Relevantes

Fonte: Elaborado pelos autores



Indique outro tema relevante que impacte, de alguma forma, a gestão de P&D em sua empresa.

5. Obrigado

Se deseja obter o resultado desta pesquisa, favor registre seu nome e email no campo abaixo.

Figura 4 – Questionário – Questões abertas

Fonte: Elaborado pelos autores

Acredita-se que o resultado deste levantamento de dados quantitativos será importante na explicitação de alguns temas relevantes ao fenômeno, tanto por parte dos pesquisadores quanto dos pesquisados. O reconhecimento e temporário abandono destes temas auxiliarão a compreensão e interpretação do fenômeno durante a análise fenomenológica dos dados qualitativos. Esta segunda fase da coleta de dados será realizada por meio de entrevistas em profundidade. A seleção dos sujeitos de pesquisa para esta fase estará baseada na análise das respostas dos questionários enviados e dirigida à identificação de temas relacionados ao fenômeno.

O método apresentado não possui referências específicas, porém é possível citar alguns trabalhos relacionados à descrição de experiências metodológicas aplicando uma abordagem integrativa (qualitativa e quantitativa). As experiências das pesquisas de campo, baseadas em uma perspectiva mais pragmática e menos orientada para um sectarismo epistemológico, sugerem que da combinação das duas abordagens (cada uma no seu uso apropriado) é possível obter ótimos resultados. Creswell (1998) recomenda um esforço inicial, em um estudo quantitativo, antes de embrenhar-se em um estudo qualitativo. Desta forma, a dicotomia profundidade versus amplitude pode ser aprendida. Por sua vez, Minayo e Sanches (1993) identificam que tanto a abordagem positivista quanto a fenomenológica, a despeito de necessárias, em muitas circunstâncias, são insuficientes para abarcar toda a realidade observada. Portanto, elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade. Lee (1991) propôs um método integrativo entre o positivismo e a fenomenologia, criando uma tipologia em que há três níveis de compreensão: interpretativa, positivista e subjetiva. Christofi e Thompson (2007) utilizaram o artifício de *bracketing*, respondendo à própria entrevista da pesquisa, para conhecer e colocar de lado suas idéias preexistentes e expectativas sobre o fenômeno. Enquanto isso, Gilstrap (2007), em uma pesquisa sobre dinâmica organizacional e liderança, utilizou o método fenomenológico descrito por Moustakas (1994), suspendendo, sem eliminar, seus conceitos iniciais, e analisando uma grande variedade de estudos quantitativos e qualitativos sobre o assunto. Sanders (1982) propõe abordagens mais integrativas, utilizando estudos fenomenológicos como complemento a projetos de pesquisa quantitativos, tornando possível produzir melhores análises.

5 VALIDADE, CONFIABILIDADE E GENERALIZAÇÃO

De uma maneira geral, as pesquisas em administração elegem uma metodologia de pesquisa específica. Normalmente, nesses casos, as abordagens metodológicas são mais restritivas e rigorosas. Por exemplo, Vergara (2005) explicita que quando a abordagem fenomenológica é eleita como metodologia de pesquisa, questionários fechados são inapropriados. Moreira (2004) identifica o questionário como a visão do pesquisador e não do pesquisado. No entanto, propõe-se discutir esse tipo de afirmação, crendo que, em se tratando de abordagens integrativas, o rigor metodológico é mantido. Baseia-se tal proposição na noção de que, em se tratando de experimentações metodológicas, faz-se necessário discutir e analisar a validade, a confiabilidade e a generalização do projeto de pesquisa (REMENYI et al., 1998). Consideram-se dois tipos de validade de um método: interna e externa. (CRESWELL, 1998; MOREIRA, 2004; REMENYI et al., 1998).

Denomina-se validade interna de um método a sua capacidade de fornecer informações verdadeiras e validade externa, a capacidade de replicação e generalização dos resultados (MOREIRA, 2004). Nesta abordagem híbrida, em que se pretende a utilização de uma pesquisa quantitativa preliminar antes de entrevistas em profundidade – a validade interna diz respeito à confiabilidade dos dados coletados. Na etapa quantitativa, o risco reside na autenticidade do respondente e na formulação do questionário. Para minimizar esses problemas, o questionário foi disponibilizado em sítio eletrônico com identificação de IP, o que impede que sejam preenchidos mais de um questionário por computador. Além disso, o questionário foi testado pelos pesquisadores e a sua formulação validada, deixando uma questão aberta para levantamento de outros temas considerados relevantes.

Na etapa qualitativa, a validade interna se expressa no *good fit*, segundo Gummesson (1991 apud REMENYI et al., 1998) entre teoria e realidade – adequação da análise e interpretação das transcrições à essência do fenômeno. Outro ponto importante é o efeito da interação entre pesquisador e sujeito (MOREIRA, 2004), fato este bastante minimizado pela proposta de prática da redução fenomenológica durante todo o processo e rigor metodológico durante as entrevistas. No entanto, é evidente que vários outros motivos podem afetar a validade interna de uma pesquisa metodológica. Poderão ocorrer falsas respostas por razões conscientes (medo, assuntos estratégicos, por exemplo) e inconscientes. Conforme observado por Gil (2002), os desvios podem ser originados por: (i) defesa de fachada, quando o respondente tenta responder de forma mais socialmente aceitável, colocando em risco a imparcialidade; (ii) defesa contra a personalização, caso em que o respondente se sente individualizado pela pergunta e evita respostas que possam comprometer-lo; (iii) desvio conservador, no qual o respondente tende a ser mais conservador nas respostas do que em suas decisões reais. Neste sentido, a seleção criteriosa de sujeitos e o tamanho e qualidade da amostra auxiliarão os pesquisadores na detecção e interpretação desses dados. Quanto melhor for a descrição da amostra, maiores serão as possibilidades de análise da validade interna.

Outro aspecto da qualidade de um projeto de pesquisa está ligado à validade externa, ou seja, à capacidade de generalização dos resultados. Com referência à pesquisa quantitativa, não é objetivo desta, conforme explicitado neste artigo, a inferência de seus resultados, mas tão somente a utilização desses dados para permitir a abstenção de pressupostos durante a etapa de coleta qualitativa de dados. Portanto, não haverá esforço em efetuar a análise estatística desses dados coletados na pesquisa quantitativa, tanto no que se refere ao tamanho da amostra quanto em sua validação. Na etapa das entrevistas, os pesquisadores tratarão de análise subjetiva e interpretativa de dados qualitativos. Comumente, o objetivo de uma abordagem

fenomenológica é explorar e desvendar conhecimentos, por meio da experiência vivida do sujeito, portanto, está mais relacionado ao contexto da descoberta do fenômeno do que a sua verificação (MOREIRA, 2004). O pesquisador deve estar menos preocupado em criar suposições sobre seus resultados particulares, e mais com a validade da pesquisa na explicação do fenômeno. Na fenomenologia, os resultados dos estudos são generalizáveis em direção ao estabelecimento de proposições teóricas, não ao aproveitamento inferencial para populações ou para universos (YIN, 2001). A quantificação de resultados só é válida com um propósito maior, e os resultados transpostos a uma população de mesmas características, supondo que o fenômeno possa ser reproduzido no mesmo ambiente. É importante ressaltar que nada obriga o pesquisador a buscar a validade externa, mas sim a fixar as características de sua amostra, para que os usuários da pesquisa identifiquem sua possível aplicabilidade (MOREIRA, 2004).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo apresentou uma proposta de uma abordagem metodológica híbrida sugerindo a integração de recursos da pesquisa quantitativa e qualitativa com um objetivo específico de auxiliar a prática da redução fenomenológica. A experimentação do método mostra-se coerente com a tendência em pesquisa de buscar metodologias híbridas (CHRISTOFI; THOMPSON, 2007; CRESWELL, 1998; LEE, 1991; MINAYO; SANCHES, 1993). Com base na revisão de literatura, semelhanças e diferenças entre as abordagens interpretacionista e positivista foram identificadas, buscando uma complementação de métodos facilitadores da resolução do problema de pesquisa, ao mesmo tempo em que se tentou desmitificar o embate existente entre as tradições. Partiu-se do pressuposto de que as duas tradições (interpretacionista e positivista) são métodos científicos e, apesar de suas diferenças epistemológicas e ontológicas, podem ser complementares. Cabe observar que as escolhas metodológicas apontadas para esta pesquisa, em sua totalidade, não foram tomadas previamente, o que poderia, eventualmente, causar uma contaminação metodológica do trabalho. A proposta de experimentação surge no momento da detecção de um obstáculo no cumprimento da etapa de coleta e interpretação dos dados sob a ótica do método fenomenológico proposto por Sanders (1982). Também foi tratada com cautela a utilização de cada metodologia a seu tempo, mantendo a abrangência, quando necessário, e aprofundando os temas de interesse, sempre focando o objetivo principal do projeto de pesquisa que é a investigação dos fatores inibidores da inovação, especialmente aquelas disruptivas, na percepção dos responsáveis pela área de Pesquisa e Desenvolvimento das empresas do setor elétrico brasileiro.

Por fim, o ensaio procurar demonstrar a validade e as limitações desse tipo de abordagem metodológica. Segundo Creswell (1998), um estudo fenomenológico pode ser desafiador pelas seguintes razões: (1) o pesquisador precisa conhecer a teoria filosófica fenomenológica; (2) os participantes devem ser cuidadosamente selecionados de acordo com a experiência do fenômeno; (3) o processo de “suspensão de julgamento” pode ser difícil; (4) o pesquisador deve decidir como incluir suas experiências no estudo. Os pesquisadores acreditam que as quatro etapas foram, em grande parte, visitadas e executadas graças ao esforço metodológico apresentado neste ensaio. Além disso, foi extremamente importante para que pudessem tanto delimitar o estudo quanto selecionar criteriosamente os sujeitos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

BURRELL, G.; MORGAN, G. *Sociological paradigms and organizational analysis*. London: Heinemann, 1979.

CARVALHO, J. L. F.; VERGARA, S. C. A fenomenologia e a pesquisa dos espaços de serviços. *Revista de Administração de Empresas*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 3, p. 78-91, jul./set. 2002.

CHAUÍ, M. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CHRISTENSEN, C. M. *The innovators dilemma: when new technologies cause great firms to fail*. Boston: Harvard Business School Press, 1997.

CHRISTOFI, V.; THOMPSON, C. L. You cannot go home again: a phenomenological investigation of returning to the sojourn country after studying abroad. *Journal of Counseling & Development*, Washington, v. 85, n. 1, p. 53-63, 2007.

CRESWELL, J. W. *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. London: Sage, 1998.

DRUCKER, P. *Inovação e espírito empreendedor (entrepreneurship): prática e princípios*. São Paulo: Pioneira, 1985.

EMBREE, L. The continuation of phenomenology: a fifth period? *Indo-Pacific Journal of Phenomenology*, v. 1, n. 1, p. 1-9, Apr. 2001.

FILSTEAD, W. J. *Qualitative methodology: firsthand involvement with the social world*. Chicago: Rand McNally College, 1970.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GILSTRAP, D. L. Phenomenological reduction and emergent design: complementary methods for leadership narrative interpretation and metanarrative development. *International Journal of Qualitative Methods*, Edmonton, v. 6, n. 1, p. 95-113, Mar. 2007.

GROENEWALD, T. A phenomenological research design illustrated. *International Journal of Qualitative Methods*, Edmonton, v. 3, n. 1, p. 1-26, 2004.

HEIDEGGER, M. *Being and time*. New York: Harper & Row, 1962.

IDHE, D. *Experimental phenomenology: an introduction*. Albany: State University of New York, 1986.

INNOSIGHT LLC. *Pesquisa geral no site*. Disponível em: <<http://www.innosight.com>>. Acesso em: 15 ago. /08/2007.

LAVERTY, S. M. Hermeneutic phenomenology and phenomenology: A comparison of historical and methodological considerations. *International Journal of Qualitative Methods*, Edmonton, v.2, n. 3, p. 1-29, 2003.

LEE, A. S. Integrating positivist and interpretive approaches to organizational research. *Organization Science*, Linticum, v. 12, n. 4, p. 342-365, Nov. 1991.

MINAYO, M. C. S.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? *Cadernos de Saúde Pública*, São Paulo, v. 9, n. 3, p. 237-248, jul./set. 1993.

MOREIRA, D. A. *O método fenomenológico de pesquisa*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOREIRA, D. A. Pesquisa em administração: origens, usos e variantes do método fenomenológico. *Revista de Administração e Inovação*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 5-19, 2004.

MORGAN, G.; SMIRCICH, L. The case for qualitative research. *Academy of Management Review*, Mississippi, v. 5, n. 4, p. 491-500, 1980.

MOUSTAKAS, C. *Phenomenological research methods*. Thousand Oaks: Sage, 1994.

PRAHALAD, C. K.; HAMEL, G. *Competindo pelo futuro: estratégias inovadoras para obter o controle do seu setor e criar os mercados de amanhã*. Rio de Janeiro: Campus, 1995.

REMENYI, D. et al. *Doing research in business and management: an introduction to process and method*. London: Sage, 1998.

SANDERS, P. Phenomenology: a new way of viewing organizational research. *Academy of Management Review*, Ohio, v. 7, n. 3, p. 353-360, 1982.

SCHMITT, R. Husserl's transcendental-phenomenological reduction. In: KOCKELMANS, J. J. (Ed.). *Phenomenology*. New York: Doubleday Anchor, 1967. p. 58-68.

VAN MAANEN, J. Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface. *Administrative Science Quarterly*, Ithaca, v. 24, n. 4, p. 520-526, Dec. 1979.

VAN MANEN, M. *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. London: The State of New York, 1990.

VERGARA, S. C. *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

IN SEARCH OF EPOCHÉ: A QUANTITATIVE RESEARCH AS SUPPORT TO PHENOMENOLOGICAL REDUCTION

Abstract

In spite of the progress observed in the use of phenomenology as research method applied to social sciences, its use is still incipient, mainly in studies in the Management area. This paper discusses the possibility of trying a distinguished methodology, using the collection of quantitative data at the initial stage of a phenomenological approach. The main purpose of this strategy is to help researchers to practice the phenomenological reduction and to position themselves "in brackets" during the development of a research regarding the contextualization of disruptive innovation in the area of research and development of companies in the Brazilian electric power sector. First, this paper presents a discussion with respect to quantitative and

qualitative methodologies, searching the availability of integrating different research strategies. Subsequently, it describes the phenomenological method and its variations, emphasizing the stage of phenomenological reduction and *epoché* (suspension of judgments). Finally, it discusses the legitimacy and the methodological strictness needed in the research. This study contributes to try variations of the phenomenological method in research within the area of organizations, and also suggests a hybrid research approach which quantitative and qualitative methods are complementary.

Keywords: Disruptive innovation; Phenomenological method; Methodological integration.

Data do recebimento do artigo: 20/09/2007

Data do aceite de publicação: 05/12/2007